130

SENTIDAS EXPRESSOENS

DE HUM CORAÇAÕ MAGOADO;

ARTICULADAS NA OCCASIAÕ DO ATROCISSIMO, SACRILEGO, e execrando insulto commettido contra a desejada preciosissima

VIDA, E SAGRADA REAL PESSOA

D'EL-REY FIDELISSIMO

NOSSO SENHOR.

DEDICADAS AO MESMO SENHOR

POR

DONA MARIA

DA GRAÇA FORTUNATA C...

E comprehendidas nos seguintes Sonetos.

QUE FAZ IMPRIMIR

DONA LUIZA AURELIA DE THOAR,

amiga da Authora.

)(◁ : : ▷)(

LISBOA:

Na Offic. de MANOEL ANTONIO MONTEIRO.

M. DCC. LIX.

Com todas as licenças necessarias.

DEDICATORIA A ELREY N. S.

SONETO.

Minha muza, SENHOR, que magnifica,
A voſſa heroicidade taõ preclara,
Se poſſivel lhe fora a decantara,
Com o meſmo pregaõ, que a fama a indica:

Do tributo, que aqui vos ſacrifica,
O podeis collegir, com razaõ clara,
Pois voſſo AUGUSTO MERITO declara,
Quando o grave da voſſa offença explica.

Naõ repareis, Senhor, na indignidade
Da offerta, que he ſó digna, pelo affecto,
Da voſſa innacta Real benignidade;

Que ſe louvar-vos foi ſó meu projecto,
Naõ podia acertar mais que a vontade,
Sendo o aſſumpto intractavel, pelo OBJECTO.

SONETO

DEDICATORIA

5 432

A ELREY
NOSSO SENHOR:

SONETO.

Dorado Monarcha Eſclarecido;
REGIO ALCIDES Invicto, e Valeroſo;
Suſtentaculo firme do Famoſo
Luſitano Hemiſpherio, o mais luzido.

Reſolveo-ſe, SENHOR, hum atrevido,
Hum barbaro traidor, hum aleivoſo,
A querer, que na terra, o Ceo ditoſo,
De teus hombros cahiſſe obſcurecido.

Louca empreza! infeliz temeridade!
Pois naõ vio o traidor, que era impoſſivel,
Abater-ſe ao terreno a Divindade.

Venceſtes, como ALCIDES invencivel,
Ficando do Ceo todo a immenſidade,
Em teus hombros ſegura, e indeffectivel.

SO-

SONETO.

DO Luſitano Imperio, INCLITO ATHLANTE
Sois, oh GRANDE MONARCHA, a quem devia
Tributar do Univerſo a Monarchia
Vaſſallagem fiel, culto conſtante:

Eſte ſois, com applauſo o mais triunphante,
Que no clarim da Fama, o Mundo ouvia;
Quando ouvio, conſpirára huma ouzadia,
Contra a Vida de HEROE taõ relevante.

Foi ſacrilego o intento, e louco o engano,
Que eſperar outro effeito naõ devéra,
Se naõ fora taõ cego, que inhumano;

Pois ſeu indigno author reconhecéra,
Que naõ póde ceder a hum braço humano,
Quem ſuſtenta nos hombros huma Eſphera.

SO-

SONETO.

COm ſoberba arrogancia, houve atrevidos,
Que contra o Sacro Ethereo Firmamento,
Ouzáraõ conſpirar, com louco intento,
Seus Numes profanando eſclarecidos.

Viraõ-ſe em Portugal reproduzidos
Aquelles infieis, dando violento,
(Em movel Regia Eſphera) aſſaltamento,
A hum Numen, a que os mais vivem rendidos.

Mas o Supremo Jupiter, que apura
Na permiſſaõ do arrojo, a grave offença,
Com imperio punio tanta loucura:

Foi dos crimes, igual a recompença,
Porque em Jove, e JOZE', (digna ventura!)
Se divide o poder, ſem differença.

SONETO.

DE ſeu Povo, Senhor, idolatrado
Foi Protheo, Rey de Egypto venturoſo,
Que por ſabio, benigno, e generoſo,
Logrou, por eleiçaõ, ſer acclamado.

Vós, ſois de Portugal REY adorado,
Naquelles attributos taõ famoſo,
Que a naõ ſer voſſo o Reyno, ſó glorioſo
Seria, em ſer por Vós predominado.

Mas de meritos tantos, confundido
O eſpirito da enveja mais violento,
Trocou em odio, o amor mais bem rendido;

Porém fez, que (fruſtrado o infame intento,)
Em deſpique do odio fementido,
Acriſolaſſe o amor, mais fino o alento.

SONETO.

Só para ſer, Senhor, mais admirado,
Voſſo Merito Auguſto eſclarecido,
Rompeo da enveja o miſero atrevido
Impulſo, no mais barbaro attentado.

Sois Benéfico, de ANIMO Realçado,
Magnifico, no Mundo conhecido;
E por tais prendas foſteis offendido,
Devendo ſer por ellas adorado.

Tanta materia á enveja ſubminiſtra,
Hum Optimo Real Merecimento,
Quando o eſplendor de perto lhe regiſta.

Alto abbono de hum Regio luzimento,
Que cegando a envejoſos a infiel viſta,
Lhes cegou depois della, o entendimento!

SONETO.

REveſtido de luzes orna a Eſphera,
O brilhante Monarcha, que a domina;
E adorado dos aſtros, que illumina,
Ha de ſombra hum vapor, que a luz lhe altera.

Vós, ſois, Senhor, o SOL, a quem venera
Portugal, que illuſtrais com luz benigna;
E houve huma ſombra vil, negra, e maligna,
Que a taõ preclara luz ſe interpozera.

Mas aſſim como o Sol eſclarecido,
Vence o lunar da ſombra tenebroſo,
E ſeu reſplendor moſtra mais luzido;

Vós, Excelſo Monarcha Venturoſo,
Pois que a pérfida ſombra haveis vencido,
Ficais com nova luz, mais glorioſo.

SONETO.

PRimeiro a Deos infiel, que á Mageſtade,
Sacrificando a Patria á tyrannia,
Paſſou céga a mayor aleivoſia,
A obrar a mais perverſa iniquidade:

Para objecto buſcou a heroicidade,
Da mais alta, e melhor Soberania;
E o culto, que apparente lhe rendia,
Moſtrou na executada falcidade.

Mas que muito, que á Mageſtade humana,
Naõ guardaſſe o decoro, e preheminencia,
Quem primeiro á Divina, a Ley profana!

Admiraçaõ naõ cauſa a conſequencia,
Que obraſſe infiel a acçaõ mais deshumana,
Quem falço ſempre fora na exiſtencia.

SONETO.

DEplorou Portugal a enorme offença,
Que contra ſeu Senhor ſe execntára,
E na vingança ao Mundo, fiel moſtrára,
Sendo immenſo o delicto, a pena immenſa:

Porém dando a ſeu Rey a recompença
Da injuria, que a malicia perpetrára,
Quanto o reſpeito o aggravo lhe ultrajára,
O amor, com fino obſequio, lhe compença.

Aſſim fica, Senhor, melhor vingado,
Que com todo o caſtigo, o horrendo inſulto,
Que o desleal peito obrou precipitado;

Pois o atrós crime, da traiçaõ occulto,
Faz, que o voſſo REAL MERITO acclamado,
Se reſpeite com novo, e melhor culto.

SONETO.

ATreveo-ſe hum perjuro, á impiedade;
Reſolveo-ſe hum ingrato, á ouzadia,
De ultrajar o decóro á Sobrania,
De offender o reſpeito á Mageſtade.

Foi objecto da ſua atrocidade,
Voſſo MERITO AUGUSTO, em cujo via
Huma força efficaz, que confundia
Sua louca, e arrogante vaidade.

Diſculpai-lhe, Senhor, a neſcia empreza;
Que he taõ propria, em hum vil, a emulaçaõ;
Como he juſta, em hum Rey, toda a grandeza.

Seja pois, conſequencia deſta acçaõ,
Deſprezar-ſe o traidor, pela vileza;
E eſtimar-ſe do Rey a elevaçaõ.

SONETO.

FIdeliſſimo Rey, cuja Real Vida,
Sendo de infieis traidores aſſaltada,
Se a Portugal, por Deos, foi deſtinada;
Por Deos a Portugal foi deffendida.

Atrozmente emprendeo ſer humicida
Deſſe alento, a perfidia conjurada;
Mas que importou da enveja, a acçaõ iradá,
Se eſſa VIDA altamente he protegida?

Errada em tudo foi a iniqua empreza,
Pois no ameaſſo de VIDA taõ precioſa,
Para eſtimar-lhe a poſſe, deo firmeza.

Voſſa VIDA ſerá mais glorioſa;
Pois agora, Senhor, na fiel nobreza,
Hade a fé ſer mais fina, e obſequioſa.

SONETO.

VEnceſte oh Rey, que para hum Rey Invicto,
Naõ ha caſo, a que falte o vencimento;
Venceſte o mais fatal, perverſo intento,
Que induzio ao mais grave, atrós delicto.

Triunphou na infiel acçaõ, pelo infinito
Inviſivel poder, o Regio alento;
Porq̃ he Voſſo EXEMPLAR MERECIMENTO,
Digno de ſer no annal do Mundo eſcritto.

Muito Portugal deve ao Rey da Gloria,
Que lhe quiz dar, livrando-lhe o da Terra,
A mais inſigne altiſſima victoria.

Todo o receyo o Ceo já nos deſterra;
Porque em Voſſa REALVIDA, diga a Hiſtoria;
Que a dita deſte Reyno he que ſe encerra.

SONETO.

VIvey, oh Rey Benigno, e Sublimado;
Vivey, Monarcha Excelſo, e Venturoſo;
Vivey, para que ſeja o mais famoſo
Voſſo NOME no Mundo celebrado.

Vivey, e faça o Ceo voſſo Reynado,
Taõ proſpero, feliz, e taõ glorioſo,
Que cauſe enveja ao Mundo, por ditoſo,
Por extenço, eſte ſeculo doirado.

Vivey, por gloria eterna a Portugal,
Pois que he ſua mayor felicidade
Voſſa AUGUSTA FELIZ VIDA REAL.

Vivey, e ſeja em Vós a Mageſtade,
Taõ duravel, Senhor, taõ immortal,
Que compita, ou que exceda a eternidade.

EM OBSEQUIO
DO
FELICISSIMO COMPLEMENTO
DE ANNOS
D'EL-REY
NOSSO SENHOR.

SONETO.

HOje, que o Mundo applaude, oh Rey Famoſo;
O Voſſo Inclito, Excelſo NASCIMENTO,
Com gloria a voſſos pés, ſeu rendimento
Juſtifica, em ſeu culto obſequioſo.

Mas naõ ſe jacte o Mundo vaidoſo,
Que hum Rey da Fama, e Gloria Alto Ornamento;
Mayor que o Mundo, he ſeu Merecimento;
E todo o applauſo lhe he deffeituoſo.

Naõ ſó do Mundo, pois, que he limitado;
Porém do Orbe Celeſte, que venera
Voſſo NOME, Senhor, ſois acclamado;

Que para hum Rey, que taõ Divino Impéra,
He pouco, ſer do Mundo celebrado,
Naõ he muito, applaudillo a meſma Eſphera.

COM O MESMO RELEVANTE OBJECTO

SONETO.

QUiz a enveja roubar-nos a ventura,
Da Voſſa amabiliſſima PRESENC,A;
Trocando-nos a gloria mais immenſa,
Na pena de huma immenſa deſventura.

Hoje porém, que o Ceo nos aſſegura,
Da Voſſa VIDA a duraçaõ extenſa;
Bem no goſto da póſſe nos compenſa,
Daquelle ideado roubo, a magoa dura.

E ſe Vós ſois, Senhor, a ALMA da Vida
Do Reyno, e dos Vaſſallos, ſó prezada,
Por ſer de Voſſo ESPIRITO influida;

Vendo hoje, Voſſa IDADE accreſcentada,
Se em perder-vos, ficava ella perdida,
Por Vós, eſpera ver-ſe eternizada.

A PORTUGAL.

SONETO.

QUe he iſto que em ti paſſa, oh Portugal,
Que ao Mundo tem cauzado tanto horror?
He crivel, que em ti falte aquelle amor,
Que o Mundo julgou ſempre univerſal?

Se te prezas de ſer o mais leal,
Entre os Reynos do Mundo, a teu Senhor;
Como ingrato, infiel, cego, traidor,
Perdeſte aquella fé, ſem outra igual?

Razaõ teins, Portugal, para ſentir,
E na memoria eterno farás ver,
Deſta mancha, o pezar, ſempre influir;

Só deſta ſórte o Mundo he que hade crer,
Que eſte accidente infiel, naõ póde arguir,
De teu genio leal, o proprio ſer.

AO MESMO.

SONETO.

INfeliz Portugal, que produziſte,
Féras, que do Real Sangue ſequioſas,
Extrahillo das vêas, aleivoſas
Quizeraõ, com o eſcandalo que ouviſte.

Horóſcopo fatal, foi o em que viſte
Sahir á luz tais féras venenoſas;
Como ſe as tuas margeins deleitoſas,
Foſſem de inculta Libia, aſſento triſte.

Famoſo és Portugal pela lealdade;
E em procrear Heroes, decanta a Hiſtoria,
Que o foſte, e ſerás ſempre em toda a idade;

Porém entre o pregaõ de tanta gloria,
Sempre terás na fiel poſteridade,
Deſta vil producçaõ, triſte memoria.

AOS IMPIOS AUTHORES,
E
SACRILEGOS RÉOS
DA EXECRANDA CONSPIRAÇAM.

SONETO.

ASſombros de terror, monſtros de enveja,
De infamia, de ambiçaõ, e de loucura;
Chiméras de phanthaſtica figura,
Que equivocaõ o ſer, qual proprio ſeja.

Agora, ſe he poſſivel, que a luz veja,
Quem ſepultado habita em ſombra eſcura,
Vé como brilha, a que ecclipſar LUZ pura
Procuraſte, e inextincta o amor deſeja.

Neſte aſpecto terás novo tormento,
Vendo ſer deſta LUZ, na ardente chamma,
A fé digna materia ao luzimento:

E ſe apagar nos quiz, eſta REAL FLAMA,
De teu odio o furor cégo, e violento,
Vé, que nella, alma, e vida o Reyno inflama.

SONETO.

DO ſoberbo Phaethonte a louca empreza,
Menos que a tua, ó neſcio, ſe avalia;
Que elle o carro do Sol guiar queria;
E offender quiz o Sol tua fereza:

Foi nelle o arrojo, effeito de altiveza,
Em ti barbara acçaõ de aleivoſia;
Elle obſtentou no empenho Fidalguia;
Tu moſtraſtes no teu toda a vileza.

No mar ſe vio Phaetonte ſubmergido;
Tú nelle foſte, ó pérfido, lançado,
Depois de ſer em cinzas reduzido:

Ambos teraõ no Mundo, nome adquado:
Elle será por louco conhecido;
Tú ſerás por perjuro reputado.

SONETO.

SUſpende o impulſo, ó barbaro atrevido,
De teu cégo furor precipitado:
Como intentas, ó louco, ver proſtrado,
Quem he na clevaçaõ o mais ſubido!

Reprime a vil aeçaõ, ó fementido,
Que eſſe SOL, que accommetes arrojado,
Naõ póde acabar funebre eclipſado:
Naſceo para viver ſempre luzido.

Adverte, ó neſcio, que para illuſtrar-te,
Se eſſe SOL te deu luz, para opprimir-te,
Vibra rayos, com que póde abrazar-te:

Hum effeito fará, e outro ſentir-te;
Se benigno, de luzes ſoube ornar-te;
Hade com fogo a cinzas reduzir-te.

SONETO.

AQuelle de Diana taõ famoſo
Templo ſublime, e ſeptimo portento,
Deſtruir ſe atreveo, com louco intento,
Heroſtrato, de fama ambicioſo.

Tú, Heroſtrato foſte, ó aleivoſo,
Pois com cégo infeliz atrevimento,
Intenſtaſte abrazar o luzimento,
De outro TEMPLO melhor, mais glorioſo.

Era o material Templo, na elegancia,
Maravilha do Mundo, mas na eſſencia,
Sem virtude, que oppòr do inſulto á inſtancia:

Mas vence o TEMPLO REAL, a infiel violencia,
Se he da fama hum milagre por ſubſtancia,
Tem na propria virtude a reſiſtencia.

SO-

SONETO.

Mais cruel, que Heroſtrato, ó cégo, andaſte;
Neſta empreza, a que a enveja te excitou;
Pois elle hum Edificio arruinou,
Tú, traidor, hum SACRARIO profanaſte:

Mas oh que errada foi a acçaõ que obraſte!
E no erro que entaõ teve he que acertou;
Pois contra ti, infiel, ſe fulminou
O incendio, que aleivoſo procuraſte.

Quizeſte obſcurecer o luzimento,
Com os fumos da tua vaidade,
Ao TEMPLO, a que anima o Regio alento;

Porém trocou-ſe o effeito á crueldade,
Porque o fogo, deichando o TEMPLO izento,
Te abraza, e naõ lhe offende a Mageſtade.

SONETO.

Foi Lucifer do Ceo precipitado,
Por ſoberbo, arrogante, e prezumido,
Querendo ſer igual ao mais Sobido
Altiſſimo Senhor, Deos increado.

Tú, deſtas meſmas cauſas excitado,
Aſſim como Luzbel, cégo, atrevido,
Querias ſer igual ao mais luzido
BENEVOLO SENHOR, REY ADORADO.

Porém que effeito teve eſta loucura;
Perdeo Luzbel a Gloria: e o penſamento,
De luz, o transformou em ſombra eſcura.

Tú; barbaro, com teu perverſo intento,
Perdeſte a Graça, e triſte, ſem ventura;
Eſta perda foi teu mayor tormento.

SO-

SONETO.

HEroina infeliz, Deidade ufana,
Que com louca arrogante phanthazia,
Julgavas por tributo a idolatria,
Rendida ás preſumpçoens de ſeberana.

Se tinhas por deſluſtre o ſer humana,
Crendo culto mayor ſe te devia;
Vé como o penſamento te illudia,
A' viſta do horror, que te profana.

Com altos ſacrificios, vaidoſa,
Quizeſte ſer da fama, celebrada
Por illuſtre, entendida, e por fermoſa:

Mas, oh metamorpheſe deſgraçada!
Vieſte a ſer em fim, por aleivoſa,
A' infamia mayor ſacrificada.

SONETO.

ALtivo ſimulacro da belleza,
Que no Templo da fama ſublimado,
Te ſuppunhas em throno collocado,
Com culto, elevaçaõ, e com grandeza:

Quem crera, que a phanthaſtica nobreza,
Deſſe ſublime throno imaginado,
Em infame patibulo trocado,
Te havia reduzir a tal vileza!

Ninguem por certo o créra, ſe o naõ vira;
Que hum cataſtrophe tal, de fórte encanta;
Que a viſta em contemplallo inda delira.

Quem, vendo-te algum dia em gloria tanta,
Cuidara, ó infeliz, (e quanto admira!)
Te acabaſſe hum cotéllo na garganta!

SO-

SONETO.

POr Elena ſe vio Troya abrazada,
Que inculpavel cauzára tal ruina,
Por ſua fermoſura peregrina,
De huma infedilidade arrebatada.

Tú, Elena ſegunda, eſtimulada
Da idéa mais traidora, e mais ferina;
Na meſma Patria, (de que foſte indina)
Quizeſte ſcena igual ver retratada:

Porém tú foſte a Troya na ventura,
Que entre ſumos ſem luz, já exhauſto o alento;
Tiveſte, até no incendio, a ſórte eſcura;

Mas reſpondeo o fogo ao alimento;
Se a materia das chammas, era impura,
Como havias arder com luzimento?

SONETO.

BRilhaſte, ó vaidoſa, no Oriente,
Qual o Sol, que de gallas adornado,
Nas mantilhas do berço ſublimado,
Obſtenta ſua luz mais refulgente.

Mas hoje, oh deſditoſa! és no Occidente,
Qual o Sol, de eſplendores deſpojado,
Que em funeſtos horrores ecclipſado,
No occazo ſua luz ſepulta ardente.

De tal imitaçaõ póde infirir-ſe,
Juſtamente deveras gloriar-te;
Se tú meſma a naõ viras deſtruir-ſe.

Mas como poderás inda jactarte,
Se o Sol de nova luz hade veſtir-ſe,
E tú de eterna ſombra haſde adornar-te?

SO-

SONETO.

NAõ houve entre os Apoſtolos Sagrados,
Mais que hum traidor, de quem o nome atroa;
Porém no Apoſtolado de Liſboa,
Traidores houve aſſás multiplicados.

Seus intentos ſacrilegos, logrados
Vio aquelle traidor, conforme ſoa;
E os deſtes, noſſo jubilo pregoa,
Que decretára o Ceo viſſem fruſtrados.

Teve contrario effeito a falſidade,
Poſto que a cauſa, a meſma ſe examina,
Que movéra huma, e outra iniquidade:

Mas he, que haviaõ ſer, ſe bem ſe atina,
Huma, ao Mundo a total felicidade;
E a outra, a Portugal toda a ruina.

SONETO.

TRocadas vé o Mundo hoje as acçoens;
Diverſos ſente o Mundo hoje os effeitos,
Naquelles, que julgou Santos ſogeitos,
Naquelles, que ſuppoz Sabios Varoens.

Attractivo feliz de eſtimaçoens,
Foi ſeu merito falço, em nobres peitos:
Porém hoje, oh que dor; ſaõ ſeus deffeitos,
Incentivo fatal de indignaçoens.

Athé-gora exemplares ſeus clamores
Sempre foraõ da fé, mais da verdade,
Logrando, entre as mais vozes, mil louvores;

Mas já, por ſua grande iniquidade,
Naõ feraõ mais da fé proclamadores;
Pregoeiros feraõ da falſidade.

SU-

SUPPLICA
DE
PORTUGAL
A ELREY N. S.
SONETO.

COnfuzo, a teus Reaes pés, Portugal triſte,
Chega, ó MONARCA EGREGIO, a ſupplicarte,
Que naõ queiras, Senhor, já mais lembrar-te
Da ingratidaõ, que nelle deſcobriſte.

Seu amor, ſua fé, tú, Senhor, viſte,
Deſde que teve a dita de acclamar-te;
Que deſtas joyas ſó quer eſmaltar-te
O Sceptro, que feliz nellas conſiſte.

Naõ fique pois, Senhor, eſcurecida
Sua fama, no Mundo celebrada,
E por ſeculos tantos applaudida.

De ſeus filhos leaes, acreditada
Viva a memoria, e com horror ouvida,
Seja a dos infieis, ſempre infamada.

EM

EM APPLAUSO DA AUTHORA DESTA OBRA,
por huma Prima ſua Religioſa.

SONETO.

A Cithara de Appollo, que divino
Furor ás muzas, para o plectro inſpira,
Cede o influxo á ſonora, e melhor Lira,
De teu metrico engenho perigrino:
No concento das muzas o mais fino,
Nove vozes aqui o paſmo admira;
Mas á tua, que nellas influira,
Devido he todo o applauſo, a havello digno.
Logra, pois, do Parnazo a Preſidencia,
Novo Appollo, que a teu merecimento,
Cede o Delphico Nume a preferencia;
Porque aſſim ſe verá, com juſto augmento,
Illuſtrada do Solio a preheminencia,
Reſtaurado deſta Arte o luzimento.

LICENCAS, DO SANTO OFFICIO.

Viſta a informaçaõ, p de-ſe imprimir o papel de que ſe trata, e depois voltará conferido para ſe dar licença que corra, ſem a qual naõ correra. Lisboa, no Paço de Palhavãa, 22. de Junho de 1759.

Silva. Trigoſo. Silveiro Lobo. França.

DO ORDINARIO.

Viſta a informaçaõ, póde-ſe imprimir o papel de que ſe trata, e depois de impreſſo, e conferido, torne. Lisboa, 3. de Agoſto de 1759.

D. J. A. de L.

DO PAÇO.

Que ſe poſſa imprimir viſtas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impreſſo tornará a eſta Meſa para ſe conferir, e dar licença para correr, ſem a qual naõ correra. Lisboa, 7. de Setembro de 1759.

Carvalho. Emaus. Caſtello. Affonſeca.

8343412
25 FE 2020